

Adeus Deus e Ponto final da última cena (60')

Cia. Borelli

Galeria Olido/Sala Paissandu

Na 4ª Mostra de Fomento à Dança, a Cia. Borelli acolheu vários grupos em sua sede, o espaço Kasulo, na Barra Funda e dançou um programa duplo na Galeria Olido/Sala Paissandu - *Adeus Deus* e *Ponto final da última cena*, ambos duetos de autoria de Sandro Borelli, ele mesmo em cena na segunda coreografia.

Os trabalhos foram criados para o *Balé da Cidade de São Paulo*, companhia que marca boa parte da trajetória do criador, como bailarino e posteriormente, coreógrafo, e foram remontados para sua companhia, a partir do projeto “Morte – Manifestação e Reflexão”.

Ambos contemplam temas que Borelli vem trabalhando em um crescendo, em obras nas quais (e para as quais) vai tecendo uma particular e já consolidada escritura na cena contemporânea.

Estabelecida em fronteira onde transitam dança e teatro, a ênfase da escrita de Sandro é coreográfica, sendo este o seu território de origem e atuação permanente.

Tendo sua obra sempre existido para contar do mundo, ao longo do tempo nela revelam-se/expressam-se/sentem-se histórias. À maneira da dança, emergem e são presenciadas pelo público que nos trabalhos encontram guarida e ressonância para suas fábulas pessoais, presentes no cotidiano de todos.

No espetáculo temos duetos que falam da morte, abrindo-se espaço para a “manifestação e reflexão” propostas no projeto apoiado pelo Programa de Fomento à Dança.

Em *Adeus Deus*, o idéia-movimento se dá em torno do suicídio e seus significados. Temos um casal em cena, umbilicalmente conectado pela boca.

A coreografia, encarada, por seu criador, como “último gesto” traz, neste beijo contínuo, artistas unidos por sua respiração, metáfora de sopro de vida, ou de alento, que em breve poderá ser extinto.

Lentamente vai se construindo, de maneira magistral, uma obra que magnetiza a platéia, mesmo aqueles que não têm notícia do tema que originalmente a embasou, posto nem todos os do público lerem o que vai escrito nos programas de sala, quando estes existem.

A questão de um final que se dá à vida, através de um rompimento consciente e planejado, paira como um pano de fundo em suspensão, pela força da escritura que, debulhada passo-a-passo, aponta para uma angústia permanente.

Em cena, há uma programada falta de fôlego, que ralentadamente congela gestos divididos entre dois, acolhidos pela trilha sonora que os abriaga.

Por estas estratégias estabelece-se um fluxo ininterrupto entre os bailarinos e apesar do tema original remeter a um corte abrupto estes permanecem unidos, estabelecendo-se uma tensão produzida pela absoluta contigüidade de seus movimentos e o unísono de suas respirações.

Já em *Ponto final da última cena* os dois bailarinos não se tocam, mas não é menor a tensão que se perfaz entre eles. Tendo como ponto de partida o “mal de Alzheimer”, o trabalho trata do encarceramento do homem sobre si mesmo, em momento de lusco-fusco entre vida e morte, sofrimento e libertação.

Em cena temos um casal. O bailarino, imóvel sobre uma das cadeiras, alheio está à movimentação da mulher, que risca o palco em quase todas as direções, tendo como foco o ponto onde o seu parceiro está.

Paradoxalmente, o mutismo corporal deste último não se traduz em ausência de interpretação ou em congelamento simples e puro. Apesar de imobilizado é um corpo que pulsa, gritando a sua imobilidade. Uma bela metáfora para uma doença em que as memórias apagadas vão deixando ocas clareiras de conteúdos a serem expressos em indivíduos que expressam o vazio.

A imobilidade que pulsa conecta-se aos movimentos múltiplos da intérprete que, exausta ao final de suas danças, senta-se na cadeira de onde se levantara para agir em função de seu pólo atrator.

Repousa em conexão com ele, respirando sua fadiga, até que a respiração se transforme em sopro, alento a ser partilhado entre os dois e com os do público.

As duas obras, remontadas pelo grupo, e que trazem Borelli como intérprete em uma das cenas mudas mais gritantes a que podemos atualmente assistir, tratam de “huis clos” contemporâneos.

Em cena temos indivíduos encarcerados entre suas (quatro) paredes, para quem a morte abrupta ou lentamente vivenciada possa configurar-se em ápice ou momento de libertação.

Curiosamente os suicidas ou o doente terminal de Borelli não estão sozinhos no palco. Apresentam-se acompanhados de seus alteregos vitais com quem se relacionam, apesar de tudo.

Temos vida e morte em confronto, claro e escuro. Ambiências de um criador que trafegando coreografias por estes temas transforma-se em acabado bardo contemporaneamente romântico.

Não é a toa que seu talento seja reverenciado por aqueles que, mergulhados na frieza das estruturas culturais (e coreográficas) do pós-moderno, ávidos estão pelo embate do romântico que, polarizando opostos, não elege um dos pólos desta contenda.

Deixa-nos em liberdade para a escolha de um lado, ou, se possível, para a consciência, nem sempre palatável, da intersecção permanente entre ambos- luz e sombra, fluxo e interrupção.